

A INSERÇÃO DO JOVEM NO MERCADO DE TRABALHO E A INFLUÊNCIA DA TRAJETÓRIA ESCOLAR

WIEDERKEHR, Alessandra Helena – PUCPR
ciga@terra.com.br

Eixo Temático: Educação: Políticas Públicas e Gestão da Educação
Agência Financiadora: Não contou com financiamento.

Resumo

As profundas transformações ocorridas no mundo do trabalho estão provocando o aumento dos níveis de desigualdade, bem como a aparição de um novo fenômeno social: a exclusão de milhões de indivíduos da participação do ciclo produtivo. Neste contexto, os jovens têm sido os mais atingidos. Este estudo teve como objetivo geral analisar a influência dos fatores educacionais na inserção do jovem no mercado de trabalho, com base, sobretudo, em Pochmann (2000), Enguita (1989), Bourdieu (1996, 1997, 2004, 2006) e Durkheim (1978). A pesquisa, de cunho qualitativo e caracterizada como estudo de caso, teve como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada aplicada a cinco empresários ou seu representante, responsáveis pela seleção desses jovens. O estudo apontou que, entre os aspectos positivos e negativos que influenciam a inserção do jovem no mercado de trabalho, emerge o papel da família, da escola e do próprio jovem na trajetória escolar. Neste sentido, identificaram-se, referências ao *habitus* primário, transmitido fundamentalmente pela família; à trajetória escolar linear; à escola; e ao papel do próprio indivíduo em sua inserção no mercado de trabalho. O estudo também apontou que, no caso dos empregadores participantes desta pesquisa, os fatores educacionais influenciam a inserção do jovem no mercado de trabalho, pois este é avaliado na entrevista por vários aspectos relacionados à sua trajetória escolar. Chama-se a atenção para a necessidade de uma revalorização epistemológica do espaço escolar, de sua natureza e de suas transformações por meio das experiências educativas e seus movimentos sociais, a fim de que o jovem conheça a origem social de seu sofrimento de não conseguir adentrar o mercado de trabalho.

Palavras-chave: Trajetória escola; Jovem; Mercado de Trabalho.

Introdução

Neste início de século, se vive um momento de grandes contradições do capitalismo contemporâneo. De um ponto, assiste-se a um grande desenvolvimento das forças produtivas e, de outro, um elevado índice de desemprego no Brasil. Neste contexto, milhões de indivíduos estão excluídos do ciclo produtivo, estando entre eles os jovens.

No Brasil, segundo Pochmann (2000), existem razões para que o jovem perca a esperança de ter um trabalho que propicie a ele uma vida com melhores condições de viver do

que seus pais tinham, como o enfraquecimento da expectativa de sucesso, a pobreza, o analfabetismo, a violência e as dificuldades decorrentes da economia nacional. Independente das causas, a situação do jovem brasileiro, no que se refere às suas expectativas de ingresso no mercado de trabalho formal, é preocupante.

Dada a situação apresentada, um município de um estado brasileiro mantém uma instituição que desenvolve um programa que visa inserir jovens com renda per capita de, até, meio salário mínimo, acima de 16 anos e abaixo de 18 anos no mercado de trabalho legal, com Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS), assinada pelo empregador e registrada no Ministério do Trabalho. Para a inserção, os jovens são entrevistados pelo empregador, na maioria dos casos, pelo próprio empresário, sendo, às vezes, a entrevista realizada pelo profissional responsável pelo setor de Recursos Humanos da empresa. Uma consulta às fichas cadastrais do referido programa, referente ao período de janeiro a julho de 2007, permitiu constatar que, de 48 jovens submetidos à entrevista, 25 passaram na 1ª entrevista e 23 participaram de várias, que variaram de 3 a 14, sendo reprovados em todas.

Analisaram-se, então, as informações referentes à trajetória escolar desses 48 jovens e se fez a constatação que os que foram aprovados na 1ª entrevista apresentavam trajetória escolar linear, ou seja, sem interrupção alguma, enquanto os que não foram aprovados nas entrevistas apresentavam uma trajetória com várias repetições escolares.

Do contexto exposto, surgiu o estudo aqui apresentado, que teve como ponto de partida o seguinte questionamento: Qual a influência dos fatores educacionais na inserção do jovem no mercado de trabalho? A partir daí, definiu-se como objetivo analisar a influência dos fatores educacionais na inserção do jovem no mercado de trabalho. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de cunho qualitativo, caracterizada como estudo de caso. Bogdan e Biklen (1994) explicam que o estudo de cunho qualitativo caracteriza-se por ser descritivo e ter o interesse voltado ao processo, muito mais do que pelos resultados. Quanto ao estudo de caso, segundo Merriam (1988 apud BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 89), este “consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico”. Assim, em consonância com os autores mencionados, este estudo enfoca um acontecimento específico – a inserção do jovem no mercado de trabalho –; é descritivo; possui uma única fonte de dados – entrevista semi-estruturada aplicada aos sujeitos da pesquisa –; e se interessa mais pelo processo de escolha dos jovens para inserção laboral do que pelos resultados.

Já a entrevista semi-estruturada, instrumento de dados utilizado neste estudo, de acordo com Trivinões (1987), é um dos principais meios que tem o investigador para realizar busca de dados. Trivinões (1987, p. 146) entende que “a entrevista semi-estruturada, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece as perspectivas possíveis para que o informante alcance a liberdade e a espontaneidade necessárias, enriquecendo a investigação”.

Foram sujeitos desta pesquisa cinco (5) empresários – aqui denominados de Félix, Frida, Ângela, Marcos e Lena – do referido município que realizam as entrevistas com os jovens participantes do citado programa com o intuito de inseri-los como funcionários em suas empresas. Para a escolha dos mesmos, fez-se um levantamento, na instituição que desenvolve o referido programa, das empresas engajadas com a instituição e se escolheram os cinco empresários que, no ano de 2007, realizaram maior número de entrevistas com os jovens.

Uma vez coletados os dados, procedeu-se à análise dos mesmos, estabelecendo um diálogo entre os dizeres dos entrevistados e bibliografia do campo da sociologia e tendo como categorias de análise: aspectos positivos e aspectos negativos que influenciam a inserção do jovem no mercado de trabalho formal.

Os dizeres dos empresários sobre a inserção juvenil no mercado de trabalho

O primeiro entrevistado foi o empresário Félix, a quem se perguntou quais os aspectos que um jovem deve possuir para ser aprovado na entrevista e se inserir em seu escritório para trabalhar. Ele respondeu que o jovem “[...] tem que demonstrar interesse e vontade de trabalhar [...] ter a letra legível. [...] é primordial ter letra boa, demonstrar capricho e ser organizado em sua vida pessoal. Mas a aparência só entra como fator de decisão em caso de empate, pois este jovem vai lidar com o público”.

Os fatores apontados pelo empresário apresentam-se como garantia da reprodução das desigualdades sociais, em consonância com o que afirma Nogueira (2004, p. 87):

A reprodução de desigualdades sociais seria garantida pelo simples fato de que os alunos que dominam, por sua origem, os códigos necessários à decodificação e assimilação da cultura escolar e que, em função disso, tenderiam a alcançar o êxito escolar, seriam aqueles pertencentes às classes dominantes.

Com a importância dada pelo empresário à aparência, no caso de desempate, os jovens das camadas populares, têm, por homologia a outros campos simbólicos, o que os exclui, independente dos projetos e expectativas individuais, pois a aparência desponta como fator de escolha, o que denota a existência de uma lógica de seleção.

Questionou-se o mesmo empresário em relação aos aspectos negativos que levam o jovem entrevistado a não passar na entrevista. O empresário fez menção à letra ilegível e à falta de organização ao escrever, mas teve como argumento central a aparência. A entrevista cumpre, assim, simultaneamente, sua função de reprodução e legitimação das desigualdades sociais.

O empresário esclareceu que alguns jovens “[...] revelam ter receio de trabalhar e estudar e, para mim, tem que conseguir não parar os estudos”. Esclareceu, também, que percebe “[...] que falta estímulo desde cedo dos familiares [...]” e que “[...] a escola prepara o jovem para o futuro. [...] um bom aluno que escreve dentro dos limites será um bom funcionário.”.

A resposta dada pelo empresário Félix demonstra que o processo de entrada dos jovens no mercado exige que se fique alerta para as questões da trajetória escolar e para os efeitos da ordem moral doméstica no desempenho escolar.

Quanto à empresária Frida, questionada sobre quais os aspectos positivos observados nos jovens entrevistados, a mesma relatou que a desenvoltura no falar é um aspecto observado desde o momento em que o jovem entra na empresa e que considera positivos o asseio corporal e a aparência de higiene nas mãos, visto que será balconista. Quanto aos aspectos negativos, afirmou que “A aparência é essencial e transmite credibilidade, não contratamos meninos adolescentes com cabelos compridos, piercing ou uso de boné” e que “Um aspecto que dificulta a ser contratado por esta empresa é a letra ilegível ou com vários erros ortográficos e gramaticais”.

Constata-se que, para a empresária Frida, a aparência é um dos fatores analisados na escolha do jovem que ingressará na empresa, da mesma forma que é um critério de desempate para o empresário Félix.

Ainda quanto à empresária Frida, esta acredita “[...] que a escola incute as responsabilidades necessárias a um bom trabalhador, ou seja, se ele aceita a autoridade do professor, aceitará mais facilmente ser um funcionário que segue as regras de sua empresa.” É perceptível, nas palavras da empresária, certa semelhança com a concepção do empresário

Félix: assim como Félix concebe “que um bom aluno que escreve dentro dos limites será um bom funcionário”, Frida concebe que o trabalhador que “aceita a autoridade do professor, aceitará mais facilmente ser um funcionário que segue as regras de sua empresa.” Ao terem estas concepções, ambos os empresários – Félix e Frida – reproduzem o mesmo pensamento, pois acreditam que a autoridade do professor é simétrica ao do empresário.

No que se refere à empresária Ângela, solicitou-se que descrevesse os aspectos positivos que um candidato deve ter: “A parte de comportamento, se ele demonstra interesse, ‘eu quero ficar, eu estou buscando’. A forma de se expressar verbalmente, em menores de 18 anos onde avaliamos a expectativa para o futuro. Se diz: ‘ah, no futuro vou ver no que dá’, já sabemos, lá dentro ele vai ter dificuldade. Se perguntamos para alguns e ele respondem: ‘Ah... eu tenho meu futuro planejado, quero cursar uma universidade’, esse é um ponto positivo.”

Percebe-se que o posicionamento de Ângela, no que se refere ao interesse e à expressão verbal do jovem, vai ao encontro do que expuseram os empresários Félix e Frida quando responderam ao mesmo questionamento.

Ângela igualmente se manifestou sobre a trajetória escolar ser um item de avaliação para o ingresso do jovem na empresa: “[...] se ele tem trajetória escolar acidentada, mas tem bom perfil e comportamento, bom potencial, nós o incentivamos através de um compromisso verbal que, se ele for contratado, voltará a estudar. Percebemos que se o adolescente tem vínculo com o estudo, ele amplia o horizonte, onde, no cotidiano da empresa, percebemos que a escola complementa a vida, pois os jovens almejam produzir”.

Enguita (1989, p. 150) endossa as palavras dos empresários ao afirmar que

[...] Os hábitos de obediência e docilidade engendrados na sala de aula têm um alto valor de retorno em outros contextos. No que concerne à sua estrutura de poder, as salas de aula não se diferenciam muito das fábricas ou das oficinas, estas onipresentes organizações em que se gasta uma parte tão grande de nossa vida adulta. Portanto, pode realmente dizer-se da escola que é uma preparação para a vida.

Entende-se que, para Ângela, a trajetória escolar não-linear, por si só, não é motivo para a não-contratação do jovem, pois se este possuir bom perfil, comportamento e potencial, bem como demonstrar interesse, poderá ser contratado.

Para Ângela, o jovem precisa pensar: “‘Tô evoluindo, então se quero promoção na empresa, eu vou estudar’. Se o adolescente tem bom comportamento, é visível que ele está

vinculado na escola e compreendemos os motivos justificáveis para que sua trajetória escolar seja acidentada, como doença ou mudança de cidade, mas se for por desinteresse, daí fica difícil acreditar que será um bom funcionário. [...] É mais valorizado o que não parou de estudar, e avaliamos cada caso; a busca de atualização na área profissional e a sua visão de mundo”.

A entrevistada concluiu dizendo: “Percebemos que o incentivo dos pais no início da escola é essencial à criança para que, na adolescência, se desenvolva, e os professores também têm esta responsabilidade e a parceria entre família e escola são fundamentais.”.

Ao final da entrevista com Ângela, constatou-se que a empresária fez quatro pontuações que se consideram relevantes: a) a empresa incentiva o jovem a estudar, sendo que (b) esse jovem precisa querer e se esforçar em relação ao futuro, bem como (c) os pais devem incentivar seus filhos e (d) os professores devem assumir sua responsabilidade em relação a isso. Em outras palavras, Ângela sugere que é fundamental a parceria família e escola, como também a boa vontade da empresa e o esforço do jovem.

O entrevistado Marcos, gerente do setor de Recursos Humanos da empresa na qual trabalha, com relação dos aspectos positivos que os jovens devem apresentar, relatou: “A aparência é um dos mais importantes itens e, depois, analiso o preenchimento da ficha, se existem erros e se escrever algo errado, se o adolescente rasura sua escrita. Depois questionamos sua expectativa com relação ao futuro e se se imagina trabalhando nesta empresa. Todas as respostas farão com que o escolhido seja alguém com metas a serem alcançadas, visto que aqui não podemos nos acomodar, e o adolescente deve transparecer o desejo de continuar a estudar continuamente [...] já na primeira entrevista, o adolescente tem que demonstrar vontade de aprender”.

No que se refere aos aspectos positivos para a contratação do jovem, pode-se afirmar que os aspectos apresentados por Marcos como positivos coadunam com aspectos já mencionados pelos empresários Félix, Frida e Ângela.

Como aspectos negativos, Marcos apontou: “A letra ilegível, mentir na entrevista, perceber que o adolescente não gosta de ler, se for desleixado com o corpo e se reprovou muitas vezes”.

Semelhante aos aspectos positivos, Marcos citou a letra legível e descuido com o corpo, também citados por outros empresários entrevistados como aspectos negativos. Entretanto, também mencionou que a demonstração de que o jovem não gosta de ler e a

reprovação muitas vezes são aspectos negativos que impedem ou dificultam a inserção do jovem na empresa em que trabalha: “A escola inclui a todos, mas o adolescente tem que querer; se nosso funcionário, parou de estudar, ele é incentivado a voltar aos estudos. E na entrevista, percebemos se é possível confiar, que assim que ele for contratado permanecerá com seus estudos. Afinal, a empresa incentiva a estudar. Sendo assim, ninguém sai ileso.” Além disso, “A escola começa a formação, oferecendo horários, regras, que tudo culmina no mercado de trabalho; ele é a continuação da escola.”

Compreende-se que a concepção dos entrevistados esteja em consonância com o que diz Enguita (1989, p. 158):

A escola não apenas pretende modelar suas dimensões cognitivas, mas também seu comportamento, seu caráter, sua relação com seu corpo, suas relações mútuas. Propõe-se a organizar seu cérebro, mas no mais amplo sentido: não apenas alimentar um recipiente, mas dar forma ao núcleo de sua pessoa.

A empresária Lena, com relação aos aspectos positivos que um candidato deve possuir, disse que vai perguntando ao jovem qual é o seu grau de instrução e que logo percebe “[...] que os repetentes têm mais dificuldades de pegar a função, do que se ele está indo na série de acordo com a sua idade. Se a idade e a série escolar estão corretas, eu percebo aí um ponto positivo”. Ainda em relação aos pontos positivos, Lena pergunta se o jovem já teve “[...] alguma experiência. Tem alguns que me dizem que já trabalhava no pesado, e isto para mim é sinal de que ele não vai se assustar com o trabalho.”

Sobre a aparência, relatou: “[...] é quase sempre igual, calças caídas, cabelo mal cortado, piercings e tatuagens. Ao meu ver, não são um bom sinal. Então se o jovem vem limpo, e com o cabelo arrumado, eu sinto que ele tem jeito organizado e com higiene. Este é um excelente aspecto para quem vai trabalhar com clientes”.

Em relação aos aspectos negativos, Lena fez as seguintes considerações: “[...] o ambiente familiar é um dos aspectos que faz com que afaste o candidato da vaga [...] acho um aspecto negativo se percebo que o jovem não tem respeito pelos pais ou pelas figuras que são autoridade, como padres professores e familiares [...]”. A empresária explicou que a trajetória escolar é um item avaliado: “A escola é tudo; se não vai bem na escola, também não se sairá bem no trabalho. [...]”

A visão que Lena tem da escola é praticamente a mesma visão dos entrevistados Félix e Frida, para quem, respectivamente, “um bom aluno que escreve dentro dos limites será um bom funcionário” e o trabalhador que “aceita a autoridade do professor, aceitará mais facilmente ser um funcionário que segue as regras de sua empresa.”.

Para Enguita (1989, p. 168),

O trabalho do professor passa assim a consistir, sobretudo, e contrariamente a qualquer idéia platônica a respeito, em ensinar crianças e jovens a comportar-se da forma que corresponde ao coletivo ou categoria em que foram incluídos, exigindo e premiando a conduta correspondente e rejeitando e mesmo penalizando tudo o que possa derivar de suas outras características como indivíduos ou, ao menos, tudo o que delas possa manifestar-se na escola ou chegar a afetar a relação pedagógica.

No que se refere aos empresários que entrevistam os jovens para inserção no mercado de trabalho, constatou-se que possuem critérios de escolha que se apresentam, nesta pesquisa, com a nomenclatura de aspectos positivos e negativos, sintetizados abaixo:

Empresário ou Representante	Aspectos positivos	Aspectos negativos
Félix	Capacidade de dialogar Demonstração de interesse Letra legível Aparência	Maneira de vestir Aparência física Letra ilegível Não ter organização para escrever
Frida	Desenvoltura no falar Revelação de interesse Aparência	Asseio corporal Aparência Higiene das mãos
Ângela	Comportamento Demonstração de interesse Expressão verbal Ter uma meta para sua vida	Desinteresse pela profissionalização por meio do estudo Pais que não incentivam a participação e a frequência na escola
Lena	Idade e série compatíveis Ter alguma experiência Aparência	Ambiente familiar (não ter alguém responsável por ele) Não ter respeito pelos pais ou figuras que são autoridades (professores e familiares)
Marcos	Aparência Escrever corretamente Demonstração do desejo de estudar, de aprender	Letra ilegível Descuido com o corpo Não gostar de ler Repetência escolar

Quadro 1 - Aspectos positivos e negativos observados pelos empresários ou seu representantes nas entrevistas para inserção do jovem no mercado de trabalho

A análise do Quadro 1 revela que, entre os aspectos positivos e negativos apontados pelos empresários entrevistados, emerge o papel da família, da escola e do próprio jovem na trajetória escolar. Neste sentido, identificou-se, por exemplo, referência ao habitus primário,

transmitido fundamentalmente pela família; à trajetória escolar linear; à escola; e ao papel do próprio indivíduo em sua inserção no mercado de trabalho.

Para Bourdieu (2004), em termos objetivos, a cultura de cada grupo simboliza as condições de sua existência. Assim, para o autor,

Cultura é essa espécie de saber gratuito, que se adquire em geral numa idade em que ainda não se tem problemas para colocar. Pode-se passar a vida a aumentá-la, cultivando-a por si mesma, ou usá-la como uma espécie de caixa de ferramentas, quase inesgotável (BOURDIEU, 2004, p.43).

Ainda para Bourdieu (2006, p. 7-8), o poder está por toda parte na sociedade, mas o poder pode aparecer de forma camuflada por meio do poder simbólico que, para ele, “é o poder invisível, o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem”. As pessoas, afirma Bourdieu (2006), estão conformadas e aceitam que este poder estabeleça a ordem no mundo em que vivem.

O jovem que adentra o mercado de trabalho aceita as condições que lhe são impostas para o andamento das funções da empresa, ou seja, se submete ao poder simbólico exercido pelos sujeitos que o cercam. Nesta direção, Bourdieu (2006, p. 10) afirma que

A cultura dominante contribui para a integração real da classe dominante (assegurado uma comunicação imediata entre todos os seus membros e distinguindo-os das outras classes); para a integração fictícia da sociedade no seu conjunto, portanto, à desmobilização (falsa consciência) das classes dominadas; para a legitimação da ordem estabelecida por meio do estabelecimento das distinções (hierarquias) e para a legitimação dessas distinções.

Em se tratando da instituição escolar, as suas regras ajudariam na introjeção do poder simbólico, legitimando a cultura dominante na sociedade. Assim, a vida cotidiana da escola serviria para que fossem aprendidas as estratégias que poderão ser utilizadas no campo do trabalho.

A permanência na escola de forma linear, anos a fio, permite a sutil incorporação das regras do mundo social, que é recheado de símbolos de poder, como, por exemplo, o corpo técnico, como orientadores, supervisores e administradores, e o diretor, fazendo com que o aluno tome consciência das relações de força e poder que existem na sociedade. Assim, a ação

de todo o corpo técnico da escola vai sendo reconhecido e legitimado pelos alunos de forma sutil e não arbitrária, fortalecendo as relações de poder.

Para Bourdieu (2004, p. 164), um título, como o título escolar, é capital simbólico universalmente reconhecido e garantido, válido em todos os mercados. Enquanto definição oficial de uma identidade oficial, ele liberta seu detentor da luta simbólica de todos contra todos, impondo a perspectiva universalmente aprovada. O capital simbólico, segundo Bourdieu (1996, p.107), é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las e reconhecê-las atribuindo-lhes valor.

Parece que o jovem, por querer ingressar no trabalho e conseguir a sua legitimidade perante a sociedade, encontra respaldo nas instruções que recebeu ao longo dos anos na escola. É nesse sentido que a sua aprovação ou não diante de uma entrevista tem a correspondência em sua carreira escolar que, para alguns, foi positiva e, para outros, foi negativa. O aluno, diante de uma série de fatores, teve que representar ou atuar em um campo escolar e se utiliza desses conhecimentos para enfrentar a sua inserção na sociedade laborativa. Sendo assim, não apenas nas últimas séries da escola, os alunos deveriam ser preparados para o trabalho, mas esse processo deveria ter início já no jardim de infância; desta maneira, os jovens começariam a visualizar seu próprio papel e a função na sociedade em que vivem.

Visto o trabalho como uma extensão da escola, de acordo com os dizeres de um dos entrevistados, considera-se que as regras do jogo que são absorvidas por meio das brincadeiras, ou mesmo durante as aulas, fixam o padrão para as leis da sociedade.

Segundo Bourdieu e Passeron (1992, p. 82-83),

Particularmente manifesta nos primeiros anos de escolaridade em que a compreensão e o manejo da língua constituem o alvo de atenção principal no julgamento dos mestres, a influência do capital lingüístico não cessa nunca de se exercer.

Há, aqui, uma tendência que se pode apontar para ocorrência dessa situação, ou seja, se o agente (aluno) aprende o que lhe é repassado na escola, isto é, o manejo da língua, o capital lingüístico da família nunca pára de exercer influência. A língua não seria apenas um elemento de comunicação, mas fornece ao interlocutor todo um sistema de estruturas

internalizadas desde a infância. O fato de ter dificuldades em se expressar poderia dificultar o aprender a ler e a escrever; penetrando na própria conscientização de suas atitudes e aspirações da sociedade.

Para Durkheim (1978), a importância do processo educacional se baseia no fato de que a escola tem como função principal a transmissão da cultura. Ainda para o mesmo autor, a educação se apóia na concepção do homem e da sociedade, e o processo educativo emerge da família, da igreja, da escola e da comunidade.

Partindo da concepção de Durkheim (1978), a criança necessita ser preparada para sua vida na sociedade. Esse processo é realizado pela família, mas que também tem a inferência da escola. Dessa forma, percebe-se a ação exercida pelas gerações adultas sobre as gerações jovens e que ainda não estão preparadas para a vida social. Segundo Durkheim (1978, p. 44), o objetivo desta ação “[...] é desenvolver determinados números de estados morais, físicos e mentais, a fim de adequar-se à sociedade política e ao meio no qual a criança está inserida”. Durkheim (1978, p. 47) afirma que “A autoridade dos professores deve ser adotada a fim de ensinar a criança a ter domínio sobre si mesma”, bem como se fundamenta na importância da educação infantil para a inculcação das normas sociais, sendo a educação

[...] um processo de transmissão cultural através dos valores, das normas, e das representações a fim de reproduzir o sistema social em que se está inserido, a fim de fixar desde de cedo na criança as semelhanças essenciais que a vida em comunidade nos impõe. (DURKHEIM, 1978, p. 52)

A função do processo educacional é a transmissão cultural e, dessa forma, o sistema escolar reproduz, na esfera social, os diferentes capitais culturais. Da mesma forma, responder aos imperativos do mercado de trabalho é tão importante na sociedade contemporânea como respirar ou alimentar-se. O jovem é impelido a atender a esses imperativos, visto que a sociedade e a própria família o impulsionam à entrada no mundo do trabalho. Para ir em direção a esta impulsão social, é necessário lembrar o que Bourdieu (1997) relata, ou seja, a ideologia espontânea do capitalismo, a qual alerta sobre um arbitrário cultural que está empregado no campo de atuação desses jovens.

A dominação social do capitalismo faz com que a “força de trabalho” seja aceita, pois ele percebe a venda desta força de trabalho pelos pais, ou seja, quem trabalha se sente útil e tem um sentido para a sua vida.

A escola e a família não são as únicas instituições interligadas na inserção do adolescente ao mercado de trabalho, mas têm que serem pensadas, constituídas e constituintes das relações sociais, como revela Frigotto (apud AUED, 2005, p. 11).

A educação somente por meio da escola não é mais suficiente para garantir ao jovem o sucesso na trajetória escolar. Entretanto, oferece uma possibilidade a mais, um quesito que será avaliado em sua iniciação no mercado de trabalho e melhores opções que a marginalidade. Os lugares ou as ocupações que os jovens estão aceitando apontam para o agravamento da situação de marginalização e de desnivelamento social, que são resultantes de uma inadequação ao mercado de trabalho. Isso significa compreender que o que está em discussão é a importância ou não da trajetória ser linear, em que o poder perpassou as várias séries escolares, pois são reconhecidas como o lugar onde se aprendem as regras do mundo social. A escola teria seu papel legitimado de fazer com que o aluno se reconheça como membro de uma classe na expectativa de se inserir no mundo do trabalho.

Considerações Finais

Considera-se que a discussão proposta nesta pesquisa sobre a inserção dos jovens no mercado de trabalho deveria ganhar espaço nos debates em todo o Brasil, pois a preocupação com a reformulação nos sistemas educacionais se faz necessária, com a introdução do currículo de matérias que facilitem ao adolescente conhecer sua aptidão e com a modernização dos equipamentos na área da informática.

Apresenta-se como cada vez mais fundamental a solidificação das estruturas que permitam ao jovem acessar a escola, por meio da distribuição da renda, de melhores condições educacionais e de um crescimento econômico distribuído de forma igualitária em todas as camadas sociais.

Espera-se que se tenha transmitido ao leitor que a complexidade da importância da aceitação da escola está na realidade social, visto que, por todas as razões mencionadas, se deve ir além do senso comum, bem como que é real e, por analogia estrutural e funcional, que, entre o campo escolar e o campo empresarial existe a complementação de ambos.

As observações feitas permitem afirmar que o trabalho está se modificando e que se está diante de um processo de inserção ao trabalho que exige o retorno aos determinantes econômicos, escolares e sociais das inúmeras inferências à liberdade dos jovens. Essas mudanças no campo do trabalho exigem que a escola também se modifique, ou seja, o

trabalho intelectual está adquirindo novos contornos, o que obriga a escola a assumir outro papel que não seja mais o de mera repassadora de informações que, inclusive, já estão disponíveis nos meios eletrônicos de comunicação e informação.

Sugere-se que os empresários assumam compromissos e responsabilidades em uma nova dimensão, que vão muito além do enfoque puramente financeiro, agregando novos valores empresariais e empreendedores, que considerem a vida social e a conduta ética da empresa, apoiando a implementação das políticas públicas.

Conclui-se chamando a atenção para a necessidade de uma revalorização epistemológica do espaço escolar, de sua natureza e de suas transformações por meio das experiências educativas e seus movimentos sociais, a fim de que o jovem conheça a origem social de seu sofrimento de não conseguir adentrar o mercado de trabalho.

REFERÊNCIAS

- AUED, B. W. (org.). **Traços do trabalho coletivo**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto, 1994.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertand, 2006.
- _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. **A miséria do mundo**. 5 ed. São Paulo: Vozes, 1997.
- _____. **A economia das trocas lingüísticas**: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1996.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **A reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. São Paulo: F. Alves, 1992.
- DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. 11. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- ENGUIITA, M. F. **A face oculta da escola**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- NOGUEIRA, M. A. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004
- POCHMANN, M. **A batalha pelo primeiro emprego**: as perspectivas e a situação atual do jovem no mercado de trabalho brasileiro. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.
- TRIVINÔS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.